



“FALA MAJETÉ, SETE CHAVES DE EXÚ: UMA ESCREVIVÊNCIA DE UMA ESTUDANTE NEGRA

Isadora Maria Martins Duarte¹

Mulher Preta, Umbadista, estudante de Psicologia no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Stallone Pereira Abrantes²

Gay branco, paraibano e yawó de candomblé. Professor do curso de Psicologia na UNISUAM. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Resumo: Este artigo apresenta a escrevivência de uma estudante de psicologia preta e sua relação com Exú, divindade yorubá que tem relação direta com os caminhos e os percursos. O texto perpassa por reflexões em torno da produção do racismo e o campo técnico-científico da psicologia e a formação de psicólogos. O método da escrevivência possibilitou a organização e a reflexão das minhas vivências e encorajou a produção de narrativas em torno de uma estudante preta ao longo de sua vida, sobretudo da graduação em psicologia. O texto assinala a importância de pensar a psicologia através de autoras e autores pretos, bem como da cosmologia africana que é tão recusada pela produção de conhecimento em psicologia no Brasil.

Palavras-Chave: Estudante Preta; Escrevivência; Exú; Psicologia.

¹ Mulher preta, carioca, urbanista, estudante de Psicologia na UNISUAM. Email: isadoraduarte@souunisuam.com.br ORCID <https://orcid.org/0009-0004-0645-9936>

² Paraibano, candomblecista, psicólogo, Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Email: stallone_abrantes@hotmail.com ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5329-9670>



“SPEAK MAJETÉ, SEVEN KEYS OF ÈSÙ: AN *ESCREVIVÊNCIA* BY BLACK STUDENT

Abstract: Abstract: This article presents the *escrevivência* of a Black psychology student and her connection with Èsù, a Yoruba deity closely associated with paths and crossroads. The text explores reflections on the construction of racism within the technical-scientific field of psychology and the training of psychologists. The *escrevivência* method provided a means to organize and contemplate my own experiences, prompting the creation of narratives surrounding the life of a Black student, particularly during the undergraduate studies in psychology. The article emphasizes the significance of incorporating black authors and African cosmology into the realm of psychology, which is often dismissive of these perspectives within the knowledge production landscape in Brazil.

Keywords: Black student; *Escrevivência*; Èsù; Psychology.

"HABLA, MAJETÉ, SIETE LLAVES DE ÈSÙ": UNA *ESCREVIVÊNCIA* DE UNA ESTUDIANTE NEGRA.

Resumen: Este artículo presenta la *escrevivencia* de una estudiante de psicología negra y su relación con Èsù, una deidad yoruba que está directamente relacionada con los caminos y los recorridos. El texto reflexiona sobre la producción del racismo y el campo técnico-científico de la psicología, así como la formación de psicólogos. El método de la *escrevivencia* permitió la organización y reflexión de mis experiencias y fomentó la producción de narrativas sobre la vida de una estudiante negra, especialmente durante su carrera en psicología. El texto destaca la importancia de pensar en la psicología a través de autoras y autores negros, así como la cosmología africana, que es tan rechazada en la producción de conocimiento en psicología en Brasil.

Palabras clave: Estudiante Negra; *Escrevivencia*; Èsù; Psicología

“PARLE MAJETÉ, SEPT CLÉS D’ÈSÙ: UNE *ESCREVIVÊNCIA* D’UNE ÉTUDIANTE NOIRE

Résumé: Cet article présente l'*escrevivência* d'une étudiante noire en psychologie et sa relation avec Èsù, une divinité yorùbá qui est directement liée aux chemins et aux parcours. Le texte passe par des réflexions autour de la production du racisme et du champ technico-scientifique de la psychologie et de la formation des psychologues. La méthode l'*escrevivência* a permis d'organiser et de réfléchir sur mes expériences et a encouragé la production de récits autour d'une étudiante noire tout au long de sa vie, surtout dans son diplôme en psychologie. Le texte souligne l'importance de penser la psychologie à travers des auteurs noirs, ainsi que la cosmologie africaine qui est tellement rejetée par la production de connaissances en psychologie au Brésil.

Mots-clés: Étudiante noire; *Escrevivência*; Èsù; Psychologie



INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido inicialmente como um trabalho de conclusão de curso na graduação em psicologia de uma universidade privada na zona norte do Rio de Janeiro. Um trabalho pensado e construído com muitos receios, mas numa aposta da autora e do seu orientador ao longo de sua produção, entendendo a importância da trajetória da autora e da potência de sua escrita.

Este texto é resultado da experiência de vida de uma estudante preta de psicologia e sua relação com o orixá Exú. Logo, esse artigo fala de mim, da minha família de muitas outras mulheres pretas, estudantes ou não, cuja sua existência transforma e modifica as estruturas sociais.

A Escrivência funcionou como um norte na construção argumentativa da vivência da estudante negra ao longo da formação em psicologia, demonstrando o distanciamento do campo psicológico com às questões étnico-raciais. A escrita, ao mesmo tempo que me fez questionar a minha formação, construiu uma força que desconhecia. Nas palavras de Grada Kilomba (2019) repensando o que fizeram de mim e de minhas memórias, além de Exú, que é fundamental na minha concepção racial, e não é apenas um adorno nesses escritos, mas uma encarnação da existência de uma vida e de um povo. Assim “escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você” (ANZALDÚA, 2000, p.232).

O meu reconhecimento com uma mulher negra não foi um processo simples como de muitas pessoas pretas brasileiras. Aos três anos de idade, iniciei no primário em uma pequena escola no bairro na periferia do Rio de Janeiro e até os nove anos de idade só havia estudado com mais duas crianças negras, sendo uma menina vista como ‘parda’ e um menino que, de tanto lidar com os discursos de que meninos negros tinham o órgão genital masculino maior, abaixou as calças na frente da turma, esta foi a primeira experiência com o racismo que eu me recordo.

Havia uma professora que me doava o maior afeto possível, uma mulher negra, a única que poderia entender na pele o que eu passava. Com dez anos, pude estudar com mais cinco crianças negras em uma turma de quarenta e dois alunos. Foram anos acompanhados do que chamavam de *bullying* (uma ideia importada para desqualificar a experiência do racismo na infância), preconceitos ainda não identificados ou não reconhecidos nessa época. As ‘piadas’ constantes sobre o meu



cabelo, sobre não dividir o lanche e sempre ser aquela que ninguém levava a sério, foram prolongadas durante todo o período escolar. Nessa segunda escola, após anos escondendo meu cabelo, resolvi aderir ao cabelo *black*. Fui ao passeio da escola e a professora se dirigiu a mim e disse na frente de todos os alunos que eu tinha ‘cabelo de árvore’. Fiz de tudo para diminuir o cabelo enquanto todos repetiam inúmeras vezes comentários desagradáveis.

Com doze anos, alisei o cabelo e fui para uma nova escola, cansada de ser a única com cachos e sofrer por isso, busquei mudar acreditando que *quanto mais branca parecesse, mais aceita seria*. Foram quatro trocas de escolas e somente em 2016 consegui me impor e dar um basta nas situações que aconteciam. Meu cabelo se tornou motivo de piada novamente, fotos onde eu usava uma extensão de cabelos foram postadas nas redes sociais com a legenda: "*nego não tem vergonha, nem pra comprar uma peruca*", o caso foi levado à direção e a escola ignorou a situação. A palavra racismo nunca foi falada.

Grada Kilomba (2019, p. 30) diz: “de repente, o passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o sujeito negro estivesse naquele passado agonizante”. O passado atualizado pelas práticas racistas em todas as fases da vida de pessoas negras solidifica a compreensão que o racismo atravessa o crescimento de pessoas pretas, ainda quando não haja uma compreensão direta do racismo. Antes de sermos sujeitos, o racismo está ali para nos colocar num lugar menor e desumano. O objetivo desse artigo é escrever e refletir acerca da formação em psicologia, bem como pensar a importância de Exú na construção de uma nova concepção em psicologia.

EXÚ COMO FORÇA ANTIRACISTA NA PSICOLOGIA

Exú, senhor dos caminhos, aquele que sempre come primeiro e come de tudo, o Deus que desconhece a fome, a boca do mundo, “Exú matou o pássaro ontem, com a pedra que arremessou hoje”, ensinando-nos a importância de repensar a ideia de tempo, o que para esse artigo é uma premissa singular na escrita e no pensamento.

Exú se presentifica para além das normas ortográficas e dos roteiros cotidianos presentes no pensamento com ênfase na Europa e na América do Norte. Reorganizar as ideias e saudar o primeiro dos orixás é mais que um desafio, é uma urgência nas



palavras da Yalorixá Beata de Yemonjá, Exú é ela mesmo com 71 anos após sobreviver ao seu parto em uma encruzilhada na Bahia. Tomar Exú como parte intrínseca dessas palavras faz parte da compreensão que ele é a própria comunicação, o Senhor das encruzilhadas.

Exú sendo o centro do mundo é uma entidade da criação, renovação e possui a energia do princípio. É aquele que fala, aconselha e cuida por meio de uma gama de instrumentos, não há qualquer energia que não seja atravessada por Exú. Mensageiro, ele é o intermediário entre o plano espiritual e o carnal acreditando-se que sem ele e a sua comunicação a humanidade estaria fadada ao caos, pois não haveria quem traduzisse as mensagens para este plano.

Segundo Stella de Oxóssi (1993), na crença africana, sem Exu não se faz nada, pois ele é responsável por abrir os caminhos e entender as necessidades de cada indivíduo. Ele é considerado a divindade mais próxima do ser humano pela sua forma de se comunicar, vestir, pela ingestão de bebidas alcoólicas e a utilização do fumo que consistem na manipulação de energias e partículas etéreas, que estão no tabaco e no álcool, sendo Ele relacionado aos quatro elementos da natureza, o ar com a fumaça, a terra com o plantio do tabaco e da cana de açúcar, a água sendo o líquido a ser ingerido e o fogo com a queima do fumo.

Na minha vivência, não sei dizer com exatidão quando tive a compreensão de Exu, os Exus e Pombo-Giras eram como tios mais velhos que não gostavam de crianças, na minha ideia quando criança. Do terreiro da avó Ilda, na qual minha mãe se iniciou, as lembranças aparecem quando fotos apresentam à criança que eu fui saudando os orixás no terreiro de minha avó Maria Theodora, a avó que acolheu minha mãe após a partida de sua primeira mãe de santo. Tenho lembranças nítidas de sua Pombo-Gira olhando séria pela fresta da janela, dando a ordem para que as crianças não olhassem o que acontecia na gira.

Quando minha avó Ilda faleceu, minha mãe optou por não dividir essa informação comigo nos três primeiros meses, o que resultou em uma longa espera pelo abraço que nunca chegou. Anos se passaram e ela visitou o terreiro de uma moça que era conhecida de uma frequentadora de seu terreiro. Minha mãe passou a frequentar sua casa e a se consultar com a entidade que lhe acompanhava, Maria Padilha das Sete Encruzilhadas. Todas as vezes que pude acompanhá-la, levava uma rosa mesmo sabendo que ela não falava muito com crianças. Era eu colocar o pé para dentro do



barracão e Maria, como era chamada por seus devotos, já dizia tudo sobre a minha vida. Não me esqueço do dia em que insisti para levar um buquê de rosas para ela, mas minha mãe disse que era caro e que não tinha necessidade. Quando cheguei até ela, ela me disse, sem que eu abrisse a boca: “Tudo bem moça, sei que na próxima, você vai me trazer um buquê”. Dito e feito, na oportunidade seguinte àquela, montei e fiz um buquê, com lágrimas nos olhos e um sorriso no rosto entreguei as flores e ganhei um abraço que vou guardar para vida inteira.

Durante minha visita à exposição da interpretação do livro ‘Um Defeito de Cor’ de Ana Maria Gonçalves, me deparei com o seguinte texto:

A morte, na cultura iorubá, é considerada um sono profundo que chega ao corpo. Dormir e acordar são sagrados para as tradições afro-brasileiras. No transe, tem-se passagem direta entre essas duas instâncias. Não devemos acordar líderes espirituais em seus sonos. A respiração, a sombra e a nossa alma guardiã compõem o princípio da vida. Em sonho, nosso emi, nossa respiração pode visitar outros lugares, ir e voltar. E, nos sonhos, vemos as sombras de quem nos visita. De outro modo, os sonhos nos mostram caminhos a seguir, como oráculos, cortam os males que poderiam nos assolar, nos revelam nomes sagrados. Ao acordar, se pode saudar os senhores do dia, apresentando-lhes respeito. A separação ocidental entre viver e sonhar não faz parte das culturas afro-brasileiras. Acredita-se no sonho como instância pertencente à realidade. Ao se dizer que somos o sonho de nossos ancestrais, projeta-se um caminho pródigo de vida aos que sobreviveram a tantas diásporas.

E foi em um sonho que ela sorriu para mim de novo. Na exposição, sentia como se alguém descrevesse tudo aquilo em que acredito. São livros, exposições, palestras, contos do gênero que possibilitam o reconhecimento das artes feitas por pessoas negras com história de pessoas negras para pessoas negras. É como olhar para o quadro que retrata Luiz Gama com a vestimenta de formatura e pensar “Eu consigo chegar lá!”.

A minha relação com a academia, embora seja uma realidade distante da maioria da população preta, foi atravessada por muitas questões, principalmente quando entendi que a Psicologia ainda é extremamente branca. A figura de Exú no campo social e na realidade brasileira ainda é extremamente estigmatizada a partir de práticas e pensamentos racistas. Em 2022, a Acadêmicos do Grande Rio trouxe como enredo “Fala, Majeté! Sete chaves de Exu”, com o intuito de desmitificar a figura do orixá na sociedade, que associa ao mal e as mazelas, principalmente pelo discurso moral do cristianismo, que o associou à figura do diabo, mesmo sem ter nenhuma compreensão do seu culto e da sua relação com uma visão não europeia.



Exú homenageado no carnaval do Rio de Janeiro diz muito sobre o lugar que essa divindade tem no cotidiano brasileiro, Exú como a energia do movimento e das ruas. Uma mulher negra, estudante de psicologia ao apostar na energia desse orixá desloca o pensamento e a produção de conhecimento.

A CRUELDADE BRASILEIRA TEM NOME DE RACISMO

Ao longo dos últimos séculos, a sociedade brasileira é organizada em seu cerne em torno das relações raciais, isso quer dizer que no território nacional é a raça um fator fundamental na construção das relações e da subjetividade da população no Brasil. É notório que todas as pessoas são observadas a partir da sua cor da pele (SANTOS, 1983) Para Silvio Almeida, a “raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado (2019, p. 24)”.

Quando falamos de racismo, a citação a seguir evidencia a compreensão e o conceito que ilustra essa discussão, nas palavras de Silvio Almeida (2019, p. 32):

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo social ao qual pertencam.

Para o autor, o racismo compõe as relações e a maneira que o Brasil se organiza em termos sociais, subjetivos e políticos, para tanto se apresenta através de três concepções: Individualista, Institucional e Estrutural. Tais concepções se articulam e funcionam diretamente impactando no tecido social, a divisão tem caráter didático, porém é crucial para pensar os efeitos e consequências do racismo na produção de subjetividade.

A concepção individualista pontua a construção do racismo ligado ao indivíduo, pensado como algo instalado em uma pessoa, na esfera de um comportamento ou ação, na qual é isolado e justificado em suas mais variadas manifestações. A institucional, como o nome traz, emerge no campo das instituições, direcionada a um determinado grupo de pessoas que possibilita privilégios e vantagens através da raça, ou seja, as instituições em seu funcionamento elegem a raça como elemento constitutivo das relações de poder. Não há como pensar que os elementos institucionais incidem nos comportamentos e relações dos indivíduos, pois no âmbito institucional construímos nossa compreensão de mundo, nossas relações e os processos que criam e inventam o



mundo. Emerge assim, o caráter estrutural do racismo, que é desenvolvido para manter as formas de organização e manutenção de poder nas mãos da população branca. Afinal, o que justifica que a população brasileira não entenda o racismo como a principal mazela do país?

Entender a raça sem pensar nos processos coloniais que atravessaram a história dessa terra constitui uma falácia, principalmente numa terra colonizada que foi um terreno fértil para o desenvolvimento de uma estrutura racista. A colônia brasileira é o resultado de inúmeras violências, sobretudo da invasão portuguesa, responsável pela destruição de tudo que aqui existia, fixando no nosso cotidiano inúmeras naturalizações, presentes nos nossos livros didáticos, na nossa política, nas relações em sociedade e também em nossa subjetividade. Por Colônia, entendemos o movimento de aniquilação e destruição de todos os tipos de relações nativas que aqui habitavam antes da chegada dos europeus (LUSTOSA, 2017).

Condenados a desaparecer nessa terra, inicia-se a partir do século XVI o que podemos chamar de primeiro massacre brasileiro. No material didático das escolas não se é mencionado mortes, gritos, estupros, o que encontramos são narrativas de troca de mercadorias, originários querendo a redenção celestial e portugueses como seres a serem admirados pela sua cultura.

Fanon (1968) lembra que a construção de um plano colonial é um projeto que foi feito para dar certo:

O mundo colonizado é um mundo dividido em dois. A linha divisória, a fronteira é indicada pelos quartéis e pelas delegacias de polícia. Nas colônias o interlocutor legal e institucional do colonizado. O porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme ou o soldado. Nas sociedades do tipo capitalista, o ensino religioso ou leigo, a formação de reflexões morais transmitidos de pai a filho, a honestidade exemplar de operários condecorados ao cabo, a honestidade ao cabo de cinquenta anos de bons e leais serviços, o amor estimulado da harmonia e da prudência, formas estéticas de respeito estabelecida pela ordem, criam em torno do explorado uma atmosfera de submissão e inibição que torna a tarefa consideravelmente mais leve a tarefa das forças da ordem. (FANON, 1968, p. 28)

Os soldados e a militarização sugerida por Franz Fanon podem ser facilmente lembrados no Império Romano e na Grécia Antiga, quando aniquilar e dominar terras eram os principais focos dessas civilizações. Este projeto europeu de conquistar e invadir povos se perpetuou e se instalou no cerne de toda a história humana. Logo, podemos entender que o modo como pensamos, agimos e nos relacionamos tem sólida



relação com os modos de violência dos romanos, em que as ações e comportamentos se estruturam a partir da própria violência, pois aniquilar o outro passa a ser uma maneira de firmar nosso lugar no mundo.

“Os condenados da Terra” (1968) é uma obra que marca a produção de estudos decoloniais, trazendo para a discussão não apenas os efeitos da colonização do pensamento, que retiram a liberdade do radar das pessoas colonizadas, mas apresenta a necessidade de repensarmos nossas referências ao longo da história. Vale ressaltar que o contexto da obra de Fanon era a guerra pela independência da Argélia no continente africano, que era dominada pela França imperialista, e ele aparece como um pensador da época que discutiu o lugar colonizador da França, que com o uso da violência e seu poder bélico.

A raça emerge no pensamento colonizador como uma premissa fundamental na colonização, “é o colono que fez e continua a fazer o colonizado” (Fanon, 1968, p. 26), e não um destino que institui, ou ainda, um lugar afirmado para ambos, como se fosse uma providência divina ou natural. Se existe o colonizado, é na mesma medida que as relações de poder na sociedade coloca uma experiência de vida como algo menor e inferior a outra. Contudo essa relação não se encerra assim, o colonizado não é como mostrado nos escritos ou no audiovisual, a luta pela liberdade e pela autonomia é um processo constante na experiência do colonizado.

Para o autor, a relação entre o colonizador e o colonizado é marcada pelas baionetas e canhões, ou seja, tem caráter violento. Sair de um lugar colonizado requer um movimento revolucionário que envolverá a violência. Não há relação entre a colônia e a metrópole sem violência, pois é ela que sustenta essa relação. A linguagem da violência que o colonizado apresenta é uma estratégia perversa criadora de ciclos viciosos, e nesse âmbito “o homem colonizado que escreve para seu povo deve, quando utiliza o passado, fazê-lo com o propósito de abrir o futuro, convidar à ação, fundar a esperança” (FANON, 1968, p. 193).

O movimento de definição e reflexão em relação ao futuro embasado na concepção de esperança atravessa com intensidade os corpos negros, com o intuito de se autoafirmar o lugar do povo preto no mundo. Comigo não é diferente, a afirmação de um corpo, de um cabelo, de uma existência é diária num país fortemente arraigado no seu passado colonial que se atualiza cotidianamente.



Na contramão de muitas histórias arraigadas no pensamento social brasileiro, Conceição Evaristo desenvolve uma inovadora maneira de valorizar as histórias das mulheres negras, a *Escrevivência*, não apenas como uma metodologia de pesquisa, mas como uma forma de garantir que mulheres negras protagonizem um conhecimento ancestral, que não pode ser apagado e que diz de um verdadeiro legado na produção de conhecimento.

ESCREVIVENDO, UMA ESCRITA COLETIVA

O meu encontro com a *Escrevivência* foi bastante intenso, pois ao longo da graduação estava habituada com a ideia que produzir conhecimento na Psicologia estava relacionado ao distanciamento, com neutralidade e com objetividade, o uso da *Escrevivência* nesse artigo é resultado de uma nova política na escrita e nas histórias narradas por mulheres negras.

A *Escrevivência* me encorajou a colocar em xeque a produção de conhecimento de base europeia e branca, que evidencia histórias e entendimentos que se distanciam dos nossos corpos. Antes de encontrar a *escrevivência* não compreendia como pensar uma pesquisa distante da minha realidade, incorporando a ideia cartesiana de neutralidade, encontradas na academia e nos seus trabalhos. Algumas perguntas que me acompanharam na escrita desse artigo foram: é possível não se afetar com as questões do racismo no Brasil? Há como pensar a Psicologia e a produção da subjetividade desconsiderando a questão racial?

Para a produção e apresentação das muitas vivências neste texto houveram muitas dúvidas, questionamentos e dificuldades, pois ao decorrer de sua escrita havia sempre uma sensação que o trabalho não tinha tanto valor acadêmico, que poderia ser algo menor, que faltava os cânones e célebres autores brancos que desenvolveram metodologias acadêmicas, e que a Psicologia tomava muitas vezes de empréstimo para suas teorias, o desconhecimento da existência de Dona Conceição Evaristo me fazia entender que Ciência, métodos e conhecimento estavam antes de qualquer coisa atrelados à memória, uma memória coletiva. Conceição Evaristo foi a responsável por criar o termo *Escrevivência*.

Maria Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. Ela é uma escritora negra brasileira formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e Doutora em Literatura



Comparada na Universidade Federal Fluminense. Possui obras publicadas que retratam as vivências através da coletividade negra, das memórias, vivências que atravessam pessoas que se identificam com sua obra. Evaristo é uma ativista nas lutas sobre a valorização da cultura negra no Brasil; uma mulher muito importante para a luta do povo negro e para o mundo acadêmico.

O meu contato inicial com a autora foi através do livro “Olhos D’água” (2016, p. 108-109) e no conto “A gente combinamos de não morrer”, a seguinte passagem me marcou:

Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel. Vivo implicando com as novelas de minha mãe. Entretanto, sei que ela separa e separa com violência os dois mundos. Ela sabe que a verdade da telinha é a da ficção. **Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro.** Tenho fome, outra fome. Meu leite jorra para o alimento de meu filho e de filhos alheios. Quero contagiar de esperanças outras bocas. Lidinha e Biunda tiveram filhos também, meninas. Biunda tem o leite escasso, Lidinha trabalha o dia inteiro. Elas trazem as menininhas para eu alimentar. Entre Dorvi e os companheiros dele havia o pacto de não morrer. Eu sei que não morrer, nem sempre é viver. Deve haver outros caminhos, saídas mais amenas. Meu filho dorme. Lá fora a sonata seca continua explodindo balas. Neste momento, corpos caídos no chão, devem estar esvaindo em sangue. **Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia. “Escrever é uma maneira de sangrar”. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...**

Acho que muitos fios de ferro foram costurando minha graduação em Psicologia, quantas vezes pensei em desistir e achar que a academia era algo que eu não poderia ocupar, principalmente no contato com as teorias psicológicas que tomavam um ideal de desenvolvimento branco, eu me percebia muito distante daquilo, Dona Conceição Evaristo traz em seus textos algo muito próprio de nosso povo, e me vi impulsionada a escrever, para sangrar de outras maneiras, para levar a mazela para outro lugar, a virada epistemológica na graduação começou nesse momento.

Meu contato inicial com Dona Conceição foi através de “Olhos D’água”, contudo o livro “Becos da Memória” é um marco fundamental na literatura brasileira, nesta obra a autora cunha o termo *escrevivência* pela primeira vez, uma ideia que emerge das memórias e vivências de Dona Conceição, apresentando duas dores, suas experiências e sua trajetória. O livro diz das memórias da autora em torno da sua infância e adolescência, apresentando as leitoras e leitores o cotidiano e sua relação com uma favela de Belo Horizonte, além de suas histórias com familiares, vizinhos e amigos.

Tulane Paixão (2022, p. 27), afirma que “a história negra nunca é só de um.



Ela é marcada por uma trajetória compartilhada.” O contato com a leitura da de Dona Conceição faz isso no meu corpo preto, pois havia uma relação com aquelas histórias como se falassem em muitas medidas sobre mim, algumas de suas memórias faziam com que eu me relacionasse com as histórias que eu ouvia da minha família, do meu terreiro e dos territórios que percorri, assim, me vi em histórias que não eram só dos personagens descritos na escrevivência, mas histórias que também eram minhas e que talvez de milhares de mulheres negras.

A escrevivência, de acordo com Soares e Machado:

Escrevivência, cunhada por Conceição Evaristo, como método de investigação, de produção de conhecimento e de posicional idade implicada. A escrevivência, em meio a diversos recursos metodológicos de escrita, utiliza-se a experiência do autor para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiências coletivas de mulheres (2017, p.206).

Neste sentido, Dona Conceição Evaristo (2013, p.145) define a Escrevivência, “um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos”. Nitidamente, Dona Conceição promove um giro epistemológico (OLIVEIRA; SANTOS, 2021), no que tange a produção de narrativas do povo negro brasileiro, nas suas histórias não cabe silenciar mulheres negras, pois são protagonistas de suas histórias. A verdade é que não há como voltar atrás, Dona Conceição revolucionou e continua construindo potentes histórias acerca do povo negro, ainda que a intelectualidade branca direcione diversas críticas às suas obras, por dizerem de experiências singulares, bem como históricas e sociais.

No livro “Quarto de Despejo”, Carolina Maria de Jesus mostra sua realidade onde sentia na pele a miséria, a fome e a solidão compartilhados através de vinte diários. Carolina nascida em 1914, na cidade de Sacramento em Minas Gerais, se mudou para a favela do Canindé na Zona Norte de São Paulo em 1937 após a morte de sua mãe. Seu barracão, como chama sua casa, foi construído com pedaços do que encontrava no lixo como papelões, sacos, latas, madeiras e essa coleta também foi responsável por levar o alimento para sua casa e para seus três filhos.

Pelas necessidades que passava, Carolina só estudou até o segundo ano do ensino fundamental, mas mesmo com os percalços de sua vida seu sonho de ser escritora permanecia vivo. O livro nasceu de um diálogo entre Carolina e seus vizinhos.



Em um desses momentos, o jornalista Audálio Dantas que visitava a favela, a ouviu e sua curiosidade levou a realização do sonho dela: ter um livro publicado. Através de suas memórias, a escritora conquistou seu reconhecimento tendo seu livro traduzido em dezesseis idiomas sendo levado para mais de quarenta países e mesmo assim, morreu pobre e solitária.

Conceição acredita que o livro de Carolina é um dos maiores exemplos de escrevivência, por relatar tão fielmente sua realidade, usando o chamado ‘pretuguês’, termo cunhado por Lélia González que retrata a influência das línguas da África, em especial as de origem bantu, no jeito de falar brasileiro. A Escrevivência não se trata apenas da experiência do indivíduo, mas da coletividade. Conceição frisa em seus discursos a seguinte fala “A nossa Escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. Seus textos são voltados para mostrar e dar voz aos que um dia foram figurantes numa história de violência e genocídio.

A força de Dona Conceição Evaristo é tamanha, que tem inspirado muitas mulheres pretas com seus textos, sua escrita é uma arma de enfrentamento do racismo e fortalecimento de si, a palavra para o povo yorubá tem muita força, e é assim que temos nos articulado para protagonizar outras narrativas. Este texto é pensado com o intuito de "lembrar do passado para entender o presente" (KILOMBA, 2019, p.29).

A ESCRITA DE UMA ESTUDANTE DE PSICOLOGIA PRETA

Por muito tempo, a questão racial não era algo central na minha experiência acadêmica. hooks (2019) apresenta a incidência que a mídia possui no modo como as mulheres negras serão representadas no campo social, a autora reflete como a representação de esteréotipos e características negativas, que ora optam por definir como menores, menos inteligentes e futéis, ora a colocam como máquinas sexuais prontas para satisfazerem os prazeres do homem branco.

A construção da negritude no Brasil é atravessada por uma gama de elementos, Santos (1983) explana que:

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento, que o aprisiona em uma imagem inferior e alienada, na qual inadvertidamente ele se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a



qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada *a priori*, com a mesma beleza, com a mesma naturalidade que é concedida ao branco, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (p. 77).

Torna-me uma mulher negra foi fundamental para repensar o que é a Psicologia, e a partir da minha negritude foi possível pensar outra forma de produzir conhecimento, outro corpo, outra perspectiva de sociedade e principalmente um novo futuro. Santana (2015) apresenta o seu percurso de descoberta em relação a sua negritude, que apesar dos seus 30 anos de idade, tornou-se negra com 20, principalmente com a imersão na universidade. Entendi que era uma mulher negra quando olhei para a minha pele, minha família e com meu *big chop* (corte de cabelo que elimina o cabelo alisado quimicamente, deixando todo o cabelo natural).

Ressalto ainda que, torna-se a mulher negra que sou foi perpassado por inúmeras violências e que também me trouxeram transformações recorrentes, o meu encontro com autoras e autores negros foi fundamental para reconfigurar minha leitura de mundo e fortalecimento de uma visão que por vezes foi diminuída e desvalorizada. Observando as minhas colegas negras de turma foi possível encontrar muitos elementos de partilha e de aproximação, nós cumpríamos muitas funções, algumas trabalhavam e estudavam e desenvolviam atividades domésticas, outras precisavam cumprir jornadas de trabalho extensas, em trabalhos precarizados, Ângela Davis (2016) sinaliza que:

Proporcionalmente mais mulheres negras sempre trabalharam fora de casa do que as suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupou na vida das mulheres negras, segue hoje um modelo estabelecido desde o início da escravatura. Como escravas, o trabalho compulsoriamente ofuscou qualquer outro aspeto da existência feminina. Parece assim, que o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras sob a escravatura começa com a apreciação do papel de trabalhadoras. (p. 24).

Não à toa, mulheres negras precisam dar conta de múltiplas jornadas, e historicamente pouco adentram as instituições escolares, estando elas em muitos outros espaços de vulnerabilidade da sociedade, possibilitando a afirmação da perspectiva que é fundamental pensar raça, gênero e classe, sendo importante frisar que embora as mulheres brancas sejam interpeladas pelas questões de gênero, classe e principalmente a raça constitui um outro movimento, que a elas permite acessos e mobilização social.

Lea Paixão (2006) apresenta que parte da expectativa de mulheres negras mães tem conexão com o desejo da construção de outro lugar de futuro para seus



filhos, e há na atualidade um investimento social e subjetivo nos processos escolares. As gerações de mulheres que me anteciparam, tiveram a educação como via fundamental de transformação social, ainda que exista milhares de problemas com essa ideia, é o acesso à educação que transforma muitos ciclos violentos.

A inserção na universidade me parecia uma estratégia potente para construir um novo ciclo, que retira da rota o lugar de servidão e subalternidade e amplia os horizontes, ser psicóloga e repensar esses lugares. Diferente do que eu imaginei, a universidade reproduz muitas faces do racismo institucional que estava presente em minha trajetória, além do embraquecido material que constitui as referências aprendidas, grande parte do corpo docente é composto por professores brancos e em muitas ocasiões o debate racial não é priorizado.

Neste sentido, o racismo na minha graduação e na construção de um pensamento psicológico, a questão do racismo estrutura relações, mantêm pessoas brancas em lugares de poder e silencia narrativas pretas. Clovis Moura afirma que (2014, p. 160):

O Negro foi obrigado a disputar a sua sobrevivência social, cultural e mesmo biológica em uma sociedade secularmente racista, na qual as técnicas de seleção profissional, cultura, política e étnica são feitas para que ele permaneça imobilizado nas camadas mais oprimidas, exploradas e subalternizadas.

É preciso ocupar todos os espaços sociais entendendo que as mulheres negras estarão movimentando, inclusive na Psicologia. A Psicologia necessita se empretecer, criar novos referenciais e outras formas de pensar a subjetividade do povo negro do Brasil. Há uma ausência de conteúdos e programas que tomem a raça como elemento urgente, e não apenas como alegoria em disciplinas que a percebe como um tema transversal. Porque ao negar a existência do racismo, ou ainda, entender que a raça não é o elemento primordial na subjetividade e na realidade brasileira teremos as mesmas estruturas, as mesmas bases de conhecimento que tomam a branquitude, a Europa e os homens como principais vias de discussão e construção do conhecimento em psicologia.

Construindo uma nova maneira de pensar a Psicologia, necessita empretecê-la, como lembra Veiga (2019) existe uma urgência de trazer autoras e autores negros que ao longo dos últimos anos contribuíram para os estudos de uma Psicologia preta, longe dos cânones e de uma ciência afastada da realidade brasileira, que toma um laboratório como *locus* de sua formação e nascimento, porém para nós mulheres



pretas, a Psicologia ao se empretecer se aproximará das ruas, das minorias e de Exú.

Exú pode ensinar a psicologia na medida em que reconfigura a história e o tempo, Silva et al. (2023) nos apresenta o lugar da encruzilhada como lugar central para composição reflexiva da vida, ao pensar sobre o outro, ao dizer sobre as questões sociais e ao tomar a subjetividade como objeto não estaria se distanciando das questões e elementos que compõe o povo preto brasileiro.

NÃO HÁ OUTRA SAÍDA: TOMAR AUTORAS NEGRAS COMO REFERÊNCIA

As autoras negras que compõem esse trabalho foram fundamentais para que esse texto fosse elaborado. O contato com esse pensamento foi crucial para a virada na produção de conhecimento em Psicologia, pois a medida que as encontrava também me sentia conectada as ideias e pensamentos.

A compreensão de um conhecimento do povo preto, da intelectualidade preta foi uma mola propulsora para que muitas estudantes negras como eu contactassem essas mulheres, através dessa força coletiva há uma nova Psicologia para surgir, inclusive refazendo bibliografias, conteúdos e referências.

É tomando esses lugares e reconstruindo que, estudantes pretas da psicologia e de tantas outras áreas, será possível reconfigurar uma história de aniquilamento e apagamento que na atualidade não cabe mais.

Desta forma, Exú como senhor da comunicação traz uma outra construção de conhecimento, não mais dualista, fixada na dicotomia, revirando as bases da Psicologia e fazendo movimentos emergirem e se relacionarem com o que está dado. Para tanto, é fundamental que a Psicologia se aproxime de autoras pretas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

ANZALDUA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 08, n. 01, p. 229-236, 2000.

DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.



EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Pallas Editora, 2016.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

hooks, bell. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KILOMBA, Grada. : *Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto traveco-terrorista. *Concinnitas* (Online), v. 1, p. 384- 409, 2017. Disponível em: www.epublicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929. Acesso em 20/06/23.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MACHADO, Paula Sandrine.; SOARES, Lissandra Vieira. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, v. 17, n.39, p. 203-219, 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002. Acesso em 02/06/23.

MOURA, Clóvis. *Dialética radical do Brasil negro*. São Paulo: Fundação Maurício Grabois; Anita Garibaldi, 2014. p. 219.

OXÓSSI, Mãe Stella de. *Meu tempo é agora*. São Paulo: Editora Oduduwa, 1993.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. Compreendendo a escola na perspectiva das famílias. In: MULLER, Maria Lúcia Rodrigues; PAIXÃO, Lea Pinheiro. *Educação, diferenças e desigualdades*. Cuiabá: EdUFMT, 2006, p.68-75.

PAIXÃO, Tulane Oliveira. *A comunidade como elo restaurador dos efeitos do racismo: reflexões a partir da vivência de uma mulher negra no bairro de Oswaldo Cruz na cidade do Rio de Janeiro*. 2022. 79. Dissertação ao Programa de Pós Graduação em Psicologia- Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2022.

SANTANA, Bianca. *Quando me descobri negra*. São Paulo: SESI-SP, 2015.

SANTOS, Neusa Souza. *Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

SANTOS. Abrahão de Oliveira.; OLIVEIRA, Luiza Rodrigues. O bloqueio epistemológico no Brasil e na psicologia. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 227, p. 250-260, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/53993/751375151727>. Acesso em 01/05/23.

SILVA, Thatianny.; VALENTIM, Silvani.; DOS SANTOS, Gabriela. P., Terezinha CONCEIÇÃO, Terezinha.; SANTOS, Ketlin.. Encruzilhadas: Entre Histórias e algumas análises do afrocientista-nacional em 2022. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 15 (Edição Especial), p. 11–34, 2023. Disponível em <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1493>. Acesso em 20/06/23.



VEIGA, Lucas. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia* [online]. 2019, v. 31, p 244-248. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/NTf4hsLfg85J6s5kYw93GkF/?lang=pt>. Acesso em 01/06/23.

YEMONJÁ, M. B. *Caroço de Dendê: A sabedoria dos terreiros - Como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

Recebido em: 31/07/2023

Aprovado em: 19/09/2023